

RIOBALDO – DIADORIM: O PACTO

Abordagem mítica da narrativa

em *Grande Sertão: veredas*

Valmiki Villela Guimarães

Tomamos como ponto de partida para a leitura do *Grande Sertão: veredas* a idéia de pacto, imprimida em toda a obra. É um leitmotiv do *Grande sertão: veredas*, sobejamente relevado por quantos se interessem pelo grande livro. E pactário é uma expressão que aparece a cada instante no decorrer da extensa fabulação de Riobaldo.

Nossa intenção é analisar um dos muitos pactos existentes, aquele que é — a nosso ver — o mais significativo: o pacto Diadorim — Riobaldo. Pacto é ajuste, trato, combinação: é união de interesses, é troca de valores, é ligação.

Apoiando-nos em Eliade, procuramos mostrar como o conceito de ligação, de união, consubstancializa-se em nó, trama, tecido, véu, rede, etc. — *latu sensu*, em toda união ou conjunto de fios, quer no sentido material, quer no metafórico. Diz ele, em sua obra *Images et symboles*, (1) "... on cherche à "déchirer" les voiles de l'irréalité, à défaire les "noeuds" de l'existence, etc. Cela donne l'impression que la situation de l'homme dans le monde, quelle que soit la perspective dans laquelle on l'examine, s'exprime toujours par des mots-clés qui contiennent l'idée de "liage, d'enchaînement, d'attachement", etc. Sur le plan magique, l'homme se sert de noeuds-amulettes pour se défendre contre les liens des demons et des sorciers; sur le plan religieux, il se sent "lié" para Dieu, pris dans son "lacet"; mais la mort aussi le "lie", concrètement (le cadavre est "ficelé") ou métaphoriquement (les démons "lient l'âme du défunt). Bien miex: la vie est un tissu..."

Na narrativa, a idéia de pacto liga-se semântica e analogicamente a infinita série de termos que podem ser entendidos como: contrato, trato, ajuste, combinação, união, elo, anel, corrente; fiar, tecer, tramar, trançar, cruzar; véu, rede, teia, tecido, pano; novelo, fio, linha, corda, cordão, cipó; amarrar, embaraçar, coser, costurar, cerzir, unir, reunir, rezar; bando. Riobaldo: Cerzidor; Pactário.

Nosso trabalho consistirá em mostrar o pacto como um ato ritualístico, em contínua reiteração pela presença de elementos mágicos no ambiente

físico. O elemento principal, primordial, é a água, em seu sentido simbólico de cosmogonia, de purificação, etc., que nos é revelada como rio, vereda, córrego, rego; chuva, orvalho, noruega, neblina, etc.

Iniciemos a análise pelo primeiro encontro entre Riobaldo e Diadorim à beira do rio São Francisco. Temos aí uma série de elementos que lhe conferem um caráter especial; interpretando-os à luz do simbolismo mágico-religioso, eles se revestem de significados ritualísticos. Tomaremos o encontro no rio como um todo significativo, metafórico, que se renova metonimicamente em todas as demais situações que impliquem o binômio Riobaldo-Diadorim.

Sabemos que Riobaldo, após ter escapado de doença grave, quando menino, é incumbido pela mãe de esmolar para pagar promessa. Encontra-se com um Menino às margens do São Francisco. Vejamos como:

“Aí, pois, de repente, vi um menino, encostado numa árvore, pitando cigarro. Menino mocinho, pouco menos do que eu, ou devia de regular minha idade (...) Não se mexeu. Antes foi eu que vim perto dele. Então ele foi me dizendo, com voz muito natural (...) mas eu olhava esse menino, com um prazer de companhia, como por ninguém eu não tinha sentido (...) foi recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora, mas ficasse, sobre as horas... só meu companheiro, amigo desconhecido”. (2)

Após comprar queijo e rapadura, o Menino chama Riobaldo para passear de canoa no rio. Atravessam o rio e ficam na margem, olhando as coisas. Os elementos a interpretar são os seguintes:

RIO — lugar sagrado, símbolo da purificação ritual, origem da criação, manifestação do transcendente, e, por isso, lugar de hierofania;

MENINO — símbolo de anjo, da pureza; corresponde ao estado edênico. “Era um menino bonito, claro, com a testa alta e os olhos aos grandes, verdes”.

A TRAVESSIA DO RIO — como explica Eliade, em *Mito e realidade*, na cerimônia da iniciação do adolescente, “o retorno ao útero é expresso (...) pelo fato de ser simbolicamente tragado por um monstro, pela penetração num terreno sagrado, identificado ao útero da Mãe-Terra.” (3) Aqui podemos interpretar o rio turbulento “A aguagem bruta e traiçoeira — o rio é cheio de baques, modos moles, de esfrio, e uns sussurros de desamparo” (4) como sendo o monstro e o lugar aonde Riobaldo e Menino vão, após a travessia, como um terreno sagrado: “Fomos, na vargem, no meio-avermelhado do capim — pubo. Sentamos, por fim, num lugar mais salientado, com pedras, rodeado por áspero bamburral.” (5)

O ALIMENTO SAGRADO — leite e mel. No caso, queijo e rapadura. O leite simboliza a verdade; o mel, associado ao leite, designa a terra feliz e fecunda, a terra prometida. Após a ingestão do alimento sagrado, o sacrifício ritual, a aspersão do solo de sangue animal O animal a ser sacrificado é mostrado aqui por

"um rapaz, mulato, ALTADO, FORTE, COM AS FEIÇÕES MUITO BRUTAS..." (6)

E a cerimônia se desenrola em ambiente totalmente sacralizante:

"O menino abanava a faquinha nua na mão, e nem se ria. Tinha embebido ferro na coxa do mulato, a ponta rasgando fundo. A lâmina estava escorrida de sangue ruim. Mas o menino não se aluía. E limpou a faca no capim, com todo capricho." (7)

Depois, na volta da canoa, o menino molha as mãos nas águas vermelhas do rio. Aqui a representação do ventre onde a vida e a morte se transmutam uma na outra. A cor vermelha da água pode simbolizar o nascimento do guerreiro. É a confirmação do pacto:

"E eu não tinha medo mais (...) eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável!" (8)

Dentro ainda do sentido de transformação, de renascimento, cabe lembrar que Riobaldo tinha escapado de doença grave, mortal.

Outro elemento de destaque é o hierofante. Esse deve ser pessoa diferente do iniciado, mais experiente. É o que afirma o Menino:

"Sou diferente de todo o mundo. Meu pai disse que eu careço de ser diferente, muito diferente..." (8)

Todos esses elementos, apontados acima, vão aparecer disseminados na narrativa: a água, a travessia, o punhal, o sangue, o alimento; o sentir-se diferente na presença de Diadorim. E, o que se reveste de caráter especial, a constante hierofania de Diadorim, a ensinar Riobaldo a ver, enxergar, olhar e descobrir as belezas da natureza.

O segundo encontro se dá anos mais tarde, na casa do tropeiro por nome Malinácio. Aqui aparecem novos elementos do lugar sagrado, do reconhecimento e do mais que se segue:

"...mais um homem, tropeiro também, vinha entrando, na soleira da porta. Agüentei aquele nos meus olhos, e recebi um estremeecer, em susto desfechado. (...) Era o Menino! o Menino, senhor sim, (...) o que atravessou o rio comigo, numa bamba canoa, toda a vida (...) eu queria ir ter para ele, para abraço, mas minhas coragens não deram. (...) Sei que deve ter sido um estabelecimento forte..." (9)

O sentimento de ligação é tão forte que Riobaldo acrescenta:

"E desde que ele apareceu, moço e igual, no portal da porta, eu não podia mais, por meu próprio querer, ir me separar da companhia dele, por lei nenhuma; podia?" (10)

Riobaldo reconhece que sua vida era um vazio sem sentido,

"eram pessoas matando e morrendo, vivendo numa fúria firme, numa certeza, e eu não pertencia a razão nenhuma, não guardava nem fazia parte". (11)

Riobaldo une-se ao Menino, agrega-se a seu bando, confirmando o pacto inicial. Essa idéia é fortalecida pelo elemento água, que vai reiterar uma etapa da cerimônia inicial:

“Eu vi a neblina encher o vulto do rio, a se estralar da outra banda a barra da madrugada” (11)

E logo depois, decisão tomada, o pacto se confirmava, sacralizado:

“Dali, rezei minha ave-mariazinha de manhã...” (11)

E após a cosmogonia, o ambiente edênico, nova hierofania: Diadorim ensina Riobaldo a apreciar as belezas da natureza. O pacto se fecha:

“Riobaldo...Riobaldo...Dão par os nomes de nós dois”. (12)

O sentimento de ligação com Diadorim é tão forte que Riobaldo diz:

“Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa-feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava”. 13)

Esse trecho da narrativa se fecha por mais uma reiteração de elementos do rito inicial, mesclados a outros que contêm o sentido de ligação, como relevamos anteriormente:

“Os dias que ali passamos foram diferentes do resto de minha vida. Em hora, andávamos pelos matos, vendo o fim do sol nas palmas dos tantos coqueiros macaúbas, (...) Então, eu vi as côres do mundo. Como no tempo em tudo era falante, ai, sei. De manhã, o rio alto branco, de neblim; e o ouricuri retorce as palmas. Só um bom tocado de viola é que podia remir a vivez de tudo aquilo”. (14)

O primeiro pacto verbalizado se dá em vésperas de luta, em reiteração do primeiro encontro no Rio. Diz Diadorim:

“Você era menino, eu era menino (...) atravessamos o rio na canoa (...) nos topamos naqueles porte (...) desde aquele dia é que somos amigos. (...) Que era eu confirmei. E ouvi. “Pois então, o meu nome, verdadeiro, é Diadorim. Guarda este meu segredo. Sempre, quando sozinhos a gente estiver, é de Diadorim que você deve me chamar, digo e peço, Riobaldo”. (15)

Diadorim torna-se, então, um nome mágico, uma senha válida apenas para eles dois.

Outro elemento do rito inicial que será retomado é a aspersão do solo como o sangue animal: é a cena com Fancho-Bode. A mesma interdição sexual, a imolação do animal, aqui claramente espresso pelo bode. A esse respeito, esclarece-nos o *Dictionnaire des symboles*,

“Le bouc est un animal tragique. (...) N’oublions pas que le sacrifice d’une victime implique tout un processus d’indétification. (...) Le bocec, animal puant, est devenu un symbole d’abomination, de réprobation ou, come le dit Louis Claude de Saint-Martin, de putréfaction et d’iniquité.” (16)

Diadorim ataca Fancho-Bode e ele morre, mais tarde, confirmando o sacrifício primeiro.

Pretendemos mostrar como Riobaldo tem consciência das idéias que implicam no sentido de FIO como elemento básico da narrativa:

“O senhor **fia**? Pudessem tirar de si esse medo de errar, a gente estava salva. O senhor **tece**? Entenda meu figurado. Conforme lhe conto: será que eu mesmo já estava pegado do costume **conjunto** de ajagunçado? Será, sei. Gostar ou não gostar, isso é coisa diferente. O sinal é outro. Um ainda não é um: quando ainda faz parte com todos. Eu nem sabia. Assim que o Paspé tinha agulhas grandes, **fi** e sovela: consertou minhas alpercatas. Lindorífico me cedeu, por troco de espórtula, um bentinho com virtudes fortes, dito de são salavá e cruz-com-sangue (...) e Geraldo Pedro e o Ventarol que queriam ficar espichados, dormindo o tempo todo, o Ventarol roncasse — ele possuía uma **rede** de casamento de bom algodão, com **chuva de rendas rendadas** (...) Desistir de Diadorim, foi o que eu falei? Digo, desdigo. (...) De manhã à noite, a afeição nossa era **duma cor e duma peça**.” (17)

Todo o trecho mostra metonimicamente a simbologia dos laços que unem Diadorim a Riobaldo; há duas metáforas, uma explícita e outra que chamaremos de simbólica:

1^o: “a afeição nossa era **duma cor e duma peça**” — como sendo a metáfora explícita;

2^o: Geraldo Pedro e Ventarol deitados numa rede de casamento que vai ser a metáfora simbólica de Riobaldo e Diadorim unidos num casamento pactual.

O segundo pacto verbalizado se dá após a conversa entre Riobaldo e

Otacília:

“Vai, e vem, me intimou a um **trato**: que, enquanto a gente estivesse em ofício da **bando**, que nenhum de nós dois não botasse mão em nenhuma mulher (...) **Afiançado** falou: “Promete que temos de cumprir isso, Riobaldo, feito jurado nos Santos Evangelhos! Jurei”. (18)

A consciência do pacto, ou melhor, do trato com Diadorim se reveste de caráter sagrado, o que leva Riobaldo a afirmar:

“Eu ia com ele até o rio Jordão”. (19)

Riobaldo tem consciência de estar atado a Diadorim. Tenta se livrar da influência, cortar o nó que os une. E Otacília é bom pretexto para tal.

“Riobaldo, você está gostando dessa moça?” Não, Diadorim, estou gostando não, eu disse neguei que reneguei, minha alma obedecida. Você sabe de seu destino, Riobaldo? Não respondi. Deu para ver o punhal na mão dele, meio ocultado. Não tive medo de morrer. Só não queria que os outros percebessem a má loucura de tudo aquilo. Tremi não. Você sabe de seu destino, Riobaldo? ele perguntou. Aí estava ajoelhado na beira de mim. Se nanja, sei não. O demônio sabe...” eu respondi. “Per-

gunta... Me diga o senhor: por que naquela extrema hora, eu não disse o nome de Deus? Ah, não sei. Não me lembrei do poder da cruz, não fiz esconjuro (...) Assisado, me enrolei no cobertor". (20)

A cena nos mostra a consciência do pacto, a presença de forças mágicas, positivas e negativas, e a ambivalência de posições. Diadorim é anjo — o Menino de início — e demônio de Riobaldo. Essa seqüência termina com Riobaldo bebendo água do rego e Diadorim indo tomar

"(...) seu banho em poço de córrego, nas barrás do clarear". (21)

Mais uma vez a água a renovar o pacto inicial, purificando seus participantes. A idéia de água está implícita em sentido metafórico, conforme diz Riobaldo:

"... minha amizade com Diadorim estava sendo feita água que corre em pedra, sem papa de barro nem pó de turvação". (23)

Diadorim ferido na perna separa-se do bando, Riobaldo adocece:

"Ah, ele que de tudo sabia em tudo, agora assim de tenção me largava lá sem uma palavra própria da boca, sem um abraço, sabendo que eu tinha vindo para jagunço só mesmo por conta da amizade! Acho que me escabreei. De sorte que tantos pensamentos tive, duma viragem, que senti esfriar as pontas do corpo, e me vir um peso de sono enorme, sono de doença, de malaventurança. (...) Desde que da rede levantei, com aquele peso anoitecido, amanhecido nos olhos. Tempo de minha vazante. (...) Aqueles dias eu empurrei, mudando em raiva falsa a falta que Diadorim me fazia (...) repuxei idéias. Me alembrei do que tinha soprado em intriga o Antenor (...) E então Diadorim disso sabia, estava no enredo..."

Temos aqui bem expressas as idéias de água e de fio, que continuam com a cena da chegada de Diadorim:

"Lembro-me que naquela manhã também o calor era menos, e o ar bondoso. Af, eu à paz — com vontade de alegria — como se estivesse recebendo um aviso. Demorei bom estado sozinho, em beira d'água, escutei o fifa dum pássaro: sabiá ou saci. De repente dei fé, e avistei: era Diadorim que chegando, ele já parava perto de mim. (...) Af um resto de dúvida: a inteira dúvida que me embaraçava real, em a minha satisfação". (24)

Novamente a retomada dos elementos do primeiro pacto: o ambiente calmo, a água; e, unindo Diadorim a Riobaldo, a dúvida que embaraçava. Diadorim estando perto, Riobaldo anima-se:

"Aquilo era uma alegria. Minha alma estava: o tiroteio, a poeirada que levantavam, os cavalos que rinchavam bem. Acinte bebi água de dentro dum gravatá de flor. Aquelas aranhas grandes armavam de árvore para árvore velhices de teias. Parecia que a guerra já tinha se terminado bem." (25)

Mais tarde, após o julgamento de Zé Bebelo, há um festim. Riobaldo sai com Diadorim, para dormir:

“A ver, fui com Diadorim para o fumo dos pés de fruta, seguindo o rego (...) Nós estávamos no jaz ali, repimpados, enfunando as redes. Disso não esqueço | Não esqueço. A gente estava desagasalhada na alegria, feito meninos (...) Que eu dizia e pensava numa coisa, mas Diadorim recruzava com outras (...) Diadorim o que mais me dizer foi em tanto segredo, que ele puxou a beira da minha rede, para a gente falar quase cara a cara”. (26)

Aborrecido, Riobaldo afasta-se do bando:

“E eu nem sabia mais o montante que queria, nem aonde eu extenso ia. O tanto, que até um corguinho que defrontei — um riachim à toa de branquinho — olhou para mim e me disse: Não... — e eu tive que obedecer a ele” (27)

A água é novamente retomada como elemento de ligação entre Riobaldo e Diadorim. E os demais elementos que contêm em si a idéia ou substância de tecido, de fio, espalham-se pela narrativa. Enumeremos alguns aqui para exemplificar:

“... eu estava deitado numa esteira de taquara...” (28) “... um vento... arrepio que fuchicava as folhagens... e ia... balançar esfiapando o pendão branco das canabravas (28) “Mas o mundo falava, e em mim tanto sonho se desmanchando, que se esfiapa com o subir do sol, feito neblina noruega no frio de agosto”. (29) “Aí foi curto fogo, mas eu levei uma bala, de raspas, na carne do braço, perdi muito sangue. Raymundo Lé banhou com casca de angico, na hora melhorei; Diadorim amarrou bem, com pano duma camisa rasgada. (30)

“Diadorim, um mimo eu tenho para você destinado, e de que nunca fiz menção (...) o qual era a pedra de safira... enrolada numa pouca de algodão, dentro dum saquitel igual ao de um breve, costurado no forro da bolsa... Diadorim quis muito saber o presente qual era, assim apertando comigo com perguntas, que sem a perreio deixei de responder (...) A parança que foi — conforme estou vivo lembrado — numa vereda sem nome fama, corguinho deitado demais, de água simplificada. Aí, (...) saquei a mochila, desfiz a ponta de faca as costuras... (31)

“De Diadorim refugi: Ah, deixa a agüinha das grotas gruguejar sozinha... (32)

“Diadorim, nas asas do instante, na pessoa dele vi foi a imagem tão formosa da minha Nossa Senhora da Abadia! A santa (...) Mas repeli aquilo. Visão arvoada. Como que eu estava separado dele por um fogueirão, por alta cerca de achas, por profundo valo, por larguez enorme dum rio em enchente (...) Antes que Diadorim mesmo abrisse a boca para me sorrir, me falar, eu tive de fazer uma coisa (...) Mas enfiei mão por entre

armas e cartucheiras e correias de mochilas, abri à berra meu jaleco e a minha camisa. Aí peguei o cordão, o fio do escapulário da Virgem — e que em tanto cortei por não poder arrebentar — e joguei para Diadorim, que aparou na mão”. (33)

Riobaldo compara Diadorim a Nossa Senhora da Abadia; em seguida, pega o “cordão, o fio do escapulário da Virgem” e joga-o para Diadorim. No plano mítico-religioso, Riobaldo está se dessacralizando, cortando o elo que o prende a Diadorim. Dentro da narrativa, podemos entender que, sendo ele (ou crendo-o ele) pactário, pretendeu solucionar a ambigüidade de pertencer a Deus e ao Demônio — e opta por esse último. Pela narrativa, ainda, sabemos que a batalha final se aproxima. E que Riobaldo, conquanto pactário, não matará a Hermógenes, também pactário. É o Bem que deve vencer o Mal. Diadorim será o Bem, exterminando o Mal, mesmo que isso lhe custe a vida.

O que nos interessa é a cerimônia, é o plano mítico. Temos aí um elemento mágico e ritualístico, o escapulário da Virgem, entregue a outro elemento mágico, que é Diadorim, representante da Virgem da Abadia, como nos diz Riobaldo linhas acima.

Riobaldo começa a se separar de Diadorim — é a extinção do pacto. Uma vez mais pelo processo metonímico, Guimarães Rosa vai nos mostrando esse distrato: são os catrumanos que se despedem do bando.

“E eles iam s’embora, conforme desisti de sobreguardar esses homens. Do jeito, de que é que me valiam? O contrato de coragem de guerreiros não se faz com vara de meirinho, não é com dares e tomares (...) Mas desertarem de mim, então, será que era um agouro? Não sei. Que sei? Tive fé em mim sozinho.” (34)

Riobaldo, adiante, narra explicitamente:

“O senhor diria, dirá: como naquela hora Diadorim e eu despartávamos um do outro — feito, numa água só, um torrãozinho de sal e um torrãozinho de açúcar...”

Fui, com desejos repartidos. (35)

É ainda a água que vai sacralizar, embora metaforicamente, o distrato. Os fios que os uniam começam a se separar. cremos que essa imagem está clara no dizer de Riobaldo:

“Diadorim se descabelou, bonitamente, o rosto dele se principiava nos olhos”. (36)

E mais adiante, quando Diadorim e Riobaldo se separam, indo este em direção do sobrado, no fogo da batalha:

“Avancei, rompi uma cerquinha de taquara, contornei um pano de muro, onde o Pasma tinha furado os adobes...” (37)

O clímax da batalha, o encontro Hermógenes-Diadorim provoca em Riobaldo uma espécie de abulia:

"Atirar eu pude? A breca torceu e lesou meus braços, estorvados. Pela espinha abaixo, eu suei em fio vertiginosamente. Quem era que me desbraçava e me peava, supilando minhas forças?" (38)

E a descrição de luta mostra fios e tecidos se rompendo:

"Vi camisa de baetilha, e vi as costas de homem remando, no caminho para o chão (...) A faca a faca, eles se cortaram até os suspensórios". (39)

Nesse momento supremo da luta, é ainda a imagem da água que vai sacramentar a morte de Diadorim:

"Soluço que não pude, mar que eu queria um socorro de rezar uma palavra que fosse, bradada ou muda; e secou: e só orvalhou em mim, por prestígios do arrebatado no momento, foi poder imaginar a minha Nossa-Senhora assentada no meio da igreja... Gole de consolo (...) No céu, um pano de nuvens... Diadorim!" (40)

A idéia de renascimento que existe no primeiro encontro, no rio, repete-se na batalha final. Diadorim morto, Riobaldo renasce/morre, no sentido geral de ambigüidade que a narrativa nos dá:

"Como vou contar e o senhor sentir em meu estado? O senhor sobrenasceu lá? O senhor mordeu aquilo? O senhor conheceu Diadorim, meu senhor? (41)

Diadorim morto, são ajustados os últimos fios para a cerimônia final. A Mulher banha o corpo e:

"... estedeu a toalha, recobrimdo as partes (...) revestiu com a melhor peça de roupa que ela tirou da trouxa dela mesma. No peito, entre as mãos postas, ainda depositou o cordão com o escapulário que tinha sido meu, e um rosário... (42)

Terminou o pacto. O hierofante desaparece e o iniciado passa a viver a sua vida. "Existe é o ser humano. Travessia".

BIBLIOGRAFIA

1. ELIADE, M. *Images et symboles*. Paris, Gallimard, 1972. p. 153
2. ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 2. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958. p. 98/99.
3. ELIADE, M. *mito e realidade*. São Paulo, Perspectiva, 1972. p. 75
4. ROSA, João Guimarães. Op. cit., p. 101.
5. ----- . op. cit., p.103.
6. ----- . op. cit., p.103/104.

7. ----- . op. cit., p.104.
8. ----- . op. cit., p.105.
9. ----- . op. cit., p.105.
10. ----- . op. cit., p.132/134.
11. ----- . op. cit., p.134.
12. ----- . op. cit., p.136.
13. ----- . op. cit., p.137.
14. ----- . op. cit., p.141/142.
15. ----- . op. cit., p.149.
16. CHEVALIER & CHEERBRANT, A. *Dictionnaire des symboles*. Paris, Seghers & Jupiter, 1973. 4v. v.2, p. 221
17. ROSA, João Guimarães. op. cit., p. 299
18. ----- . op. cit., p.182.
19. ----- . op. cit., p.184.
20. ----- . op. cit., p.186.
21. ----- . op. cit., p.187.
22. ----- . op. cit., p.189.
23. ----- . op. cit., p.216.
24. ----- . op. cit., p.225.
25. ----- . op. cit., p.227.
26. ----- . op. cit., p.269.
27. ----- . op. cit., p.272.
28. ----- . op. cit., p.274.
29. ----- . op. cit., p.299.
30. ----- . op. cit., p.303.
31. ----- . op. cit., p.352.
32. ----- . op. cit., p.394.
33. ----- . op. cit., p.466.
34. ----- . op. cit., p.471.
35. ----- . op. cit., p.533.
36. ----- . op. cit., p.547.
37. ----- . op. cit., p.549.
38. ----- . op. cit., p.558.
39. ----- . op. cit., p.561.
40. ----- . op. cit., p.560.
41. ----- . op. cit., p.557.
42. ----- . op. cit., p.564.